



Dicas de Bom Senso Financeiro

Professor Istvan Kasznar – PhD

Coordenador dos Encontros Macroeconômicos para alcançar as melhores
Orientações Financeiras de bancos Nacionais e Internacionais
Conselheiro Econômico da ACREFI; do IDS; da FEBRAFARMA
CEO da IBCI,
Empresa premiada e citada em 2005 / 2006 e 2007 com o *Top of Mind*

Esta é uma publicação conjunta dos consultores da **I.B.C.I.**, da área de
Orientações em Investimentos Financeiros.

Conheça mais e faça nossos cursos.

**Este assunto é fundamental para quem quer poupar, investir e
administrar seus recursos com seriedade, praticidade e pragmatismo.**

**PARA ORIENTAÇÕES PERSONALIZADAS, ENTRE EM
CONTATO DIRETO COM A GENTE.**

**O mundo das Finanças é fascinante, vasto e complexo. Como fazer as
melhores aplicações? Como evitar perdas? Como não cair nas mãos da
especulação destrutiva? Como alcançar altos lucros com um
investimento?**

IBCI – Institutional Business Consultoria Internacional
Rua da Alfândega, 25, sala 805/806, Centro, Rio de Janeiro, RJ.
Telefax: (21)2263-7017 / 2233-8552 / 2263-0563
e-mail: ibci@ibci.com.br
Home Page: www.ibci.com.br



Como assegurar rendas estáveis e constantes, sem perder o capital adquirido?

Há várias alternativas e muitas respostas simultâneas para estas questões. E a cada momento, a cada dia, elas podem mudar. A incerteza e o risco são uma presença firme em nossas vidas e é preciso saber lidar com elas.

Certamente, um dos melhores caminhos para responder estas questões é o de ter uma formação sólida, acompanhar a evolução dos mercados e das empresas, fazer análises econômico-financeiras e cercar-se de especialistas competentes.

Sem esgotar o assunto, nesta seção você encontra algumas dicas práticas e simples, de bom senso, para lidar com as Finanças Pessoais e da Empresa.

A sua vida financeira começa com a tomada de consciência sobre a real situação do seu patrimônio e da sua riqueza.



Levante as suas disponibilidades e as suas dívidas. Descubra os recursos livres para investir. Planeje seus sonhos e veja como alcançá-los com os recursos que tem para investir.

Organize-se.

O que importa não é fazer uma bolada por uma única tacada. O que conta é saber gerar renda continuamente e sempre guardar um certo valor, um percentual desta renda, investindo sempre.

Descubra primeiro as suas fontes de receita e de renda.

Delimite as que são contínuas e regulares, e são previsíveis.

Delimite as rendas e os ganhos descontínuos e irregulares, que ora tem, ora não tem.

Defina um padrão de consumo que seja coerente com seu nível de renda, com ênfase na criação de uma estreita relação entre sua renda regular e os gastos essenciais.

Faça um levantamento bem preciso de onde está indo a sua receita e a sua renda total. Ele pode ser semanal, mensal ou anual. Em que estás gastando? O que pesa mais? Qual é o valor dos gastos essenciais? Há uns gastos desnecessários? Há uns supérfluos prazerosos e uns caprichos?

É de bom senso garantir os gastos essenciais, como alimentação, vestuário, transporte, assistência médica, remédios, educação, aluguel e prestações, condomínio, eletricidade, gás, água, plano de aposentadoria, e afins.

Permitir-se alguns prazeres e caprichos faz bem à alma e é um ato de bem viver. Mas saiba até onde ir com esses gastos, para não arriscar o que não se tem.

São gastos prazerosos as viagens de turismo, o cinema e as sessões de teatro, os cursos de socialização, restaurantes refinados, roupas de alta costura, compras de objetos de arte em leilões e galerias, esportes que pedem infra-estrutura cara como o pólo e a náutica, jóias, coleções especiais como de porcelanas, selos e moedas, e afins.

Todo cuidado é pouco com gastos que viciam.



Entre eles, saiba limitar o jogo em cassinos, as apostas lotéricas e qualquer jogo de azar. Fumar é vício e faz muito mal à saúde. Beber vinho com moderação é recomendado pelos médicos, porque os taninos fazem bem ao coração, mas acima da cota podem gerar problemas. Licores e destilados podem ser um prazer, com moderação, são um mal com abusos.

O importante é que se chegue a um equilíbrio, nas contas.

E existe sim algum sacrifício, para poupar e guardar uma sobra.

Esta sobra é a razão do seu orgulho, é a fonte de seu investimento.

Este investimento pode acalentar sonhos a serem realizados em pouco tempo, aí exigindo pouco esforço de poupar, ou a acontecerem ao longo dos anos, exigindo um maior apertar dos cintos e moderação nos gastos.

Ganhar, fazer receita, gerar renda contínua e criar riqueza é difícil e essencial.

Gastar, fazer despesa, gerar compras contínuas, é fácil, agradável e tentador.

Por isto, é preciso encontrar o balanceamento harmônico entre receitas e despesas, pendendo sempre na direção de um superávit de caixa.

Como ficam as aplicações e os investimentos com o passar da idade?

De fato, tanto as pessoas, quanto as empresas apresentam, segundo o momento em que se encontram em seus **ciclos de vida**, padrões diferentes de geração de renda e despesa.



Na **infância e na adolescência**, as pessoas tendem a depender dos parentes e não auferem renda, salvo exceções (gente muito pobre, que troca os estudos por atividades pouco remuneradas, por exemplo). Seu fluxo de caixa é pequeno e suas contas passam pelas mãos dos titulares da família.

Na **idade adulta jovem**, ao começar a trabalhar, começa um aumento de consumo e pode iniciar-se a formação de uma poupança. Ela é muito variável, e modifica-se de pessoa para pessoa. A educação de nível superior é essencial, pois ela tende a aumentar a renda dos que a completam. Na crise do desemprego aberto do Brasil atual, isto nem sempre é verdadeiro.

Na idade adulta jovem, as pessoas tendem a casar e ter filhos. Começam despesas que podem ser relativamente elevadas, sufocando o orçamento doméstico. Ao formar-se um casal, ele tende a buscar a formação de um patrimônio, comprando além dos bens essenciais à vida, o carro, a casa ou o apartamento, o título de um clube e afins.

Na **idade adulta**, se a pessoa for bem empregada ou mantiver um bom negócio, a renda tende a aumentar. Os filhos se formam, saem de casa e surge uma disponibilidade relativamente maior de reserva financeira, logo de poupança, para aplicar e investir.

Nesta hora, é importante aplicar bem suas reservas e aumentá-las, inclusive pensando e agindo na aposentadoria do futuro. Caso a renda for elevada, a diversificação da carteira de investimentos é uma tentação e pode fazer sentido.

È de bom senso querer manter o nível de vida anterior, na idade da aposentadoria.

Na **idade adulta avançada**, as pessoas não tendem mais a trabalhar. Vivem de aposentadorias, pensões e afins. Nessa hora, elas tendem a despoupar. É fundamental preservar o valor do capital, para viver de rendas e juros.

Poupar e investir para que?

Porque poupar dá mais segurança à vida, reduz as incertezas da manutenção de um nível de vida no futuro e pode ajudar decisivamente a tornar os seus sonhos numa realidade.

Porque vale a pena ser dono do seu apê, da sua fazenda, de seu sítio, de sua chácara ou de sua ilha.

Porque sendo dono do seu imóvel, você substitui os estéreis pagamentos de aluguel, por uma propriedade que lhe pertence.

IBCI – Institutional Business Consultoria Internacional
Rua da Alfândega, 25, sala 805/806, Centro, Rio de Janeiro, RJ.
Telefax: (21)2263-7017 / 2233-8552 / 2263-0563
e-mail: ibci@ibci.com.br
Home Page: www.ibci.com.br



Porque você quer deixar nos seus filhos a melhor educação e desenvolver neles os talentos e as capacidades que eles possuem.

Porque é bom comprar o novo carro, ou trocar de carro ou ter um possante.

Porque aquela viagem dos sonhos pode enfim ser feita. Aquele equipamento de som finalmente vai vibrar.

Porque finalmente você terá capital inicial e de giro para montar o seu negócio e ser dono do seu nariz.

Agora, naturalmente, cuidado!

Ao poupar e fazer aplicações financeiras, analise atentamente se o rendimento das suas aplicações é real ou fictício.

Estude bem e pergunte-se:

Quais são as possibilidades do governo criar uma medida que envolve seqüestro de ativos financeiros (como ocorreu em 1990) ou qual é a minha verdadeira inflação, face à inflação que corrige os ativos dos pretendentes a gestores de meus recursos?

O que vem antes: investir ou quitar as dívidas?

Ambas são essenciais.

No Brasil, país que tem o recorde de taxas de juros pagas pelo consumidor, ter dívidas é garantia de quebra e dilapidação de renda. Por isto é que o mercado de crédito é tão pequeno e os intermediários financeiros são tão seletivos.

Olhe bem para o custo das suas dívidas. Quais são as taxas de juros que são cobradas? Negocie, reduza as taxas, barganhe.

E pague o quanto antes as dívidas grandes, mais marcantes, de juros mais altos e caras.

Com uma posição financeira mais limpa, mais leve, invista.



Mas, como investir se a minha renda é mínima, meu salário não é ajustado faz anos, as receitas da minha empresa estão estagnadas e as perspectivas são de crise?

Ter pouco é a base do ter, logo separe com sacrifício o que puder, sem se imolar por isso.

A crise quer dizer oportunidade em chinês. Então, aproveite com cuidado e cautela as melhores oportunidades, dado o seu perfil de risco e a sua mentalidade de investidor.

Conheça a si mesmo: qual é a sua mentalidade, a sua vontade, a sua capacidade de investir?

Tenha paciência. Roma não se fez em um dia. Invista pouco, na medida do possível.

Se a sua renda permanente se expandir, invista mais. Selecione bem em que investir.

Analise bem as oportunidades. No Brasil, até a famosa poupança já foi alvo de seqüestro financeiro, logo a segurança que ela oferece é zero como foi em 1990. Ademais, houve fases em que a correção monetária ficou muito abaixo da inflação verdadeira. Mais sério ainda, há tantos indicadores de inflação, que é difícil estabelecer o indexador correto. E cada um de nós, investidores – consumidores, tem a sua própria inflação.

O bom investidor tem memória. Não pode esquecer a história dos mercados e deve se referenciar em parte em experiências do passado.

No Brasil, as políticas monetária, fiscal e cambial nem sempre são de bom senso. Fala-se em estabilização e credibilidade, mas esses são elementos escassos na praça. As políticas afetam sobremaneira o andar dos investimentos. É importante saber qual é o perfil dos dirigentes macroeconômicos, para estabelecer o tipo de medidas que eles são capazes de adotar, e que afetarão o valor e o rendimento dos seus investimentos.

Mas a gente não vive do passado. A gente vive do futuro. Da renda futura que as empresas farão. Então, olhe, analise, informe-se. Quais são os negócios que vão bem? Quais são os produtos que todo o mundo compra e quer ter? o que não sai nunca de moda e é procurado com vigor, de forma crescente, pelos consumidores? Em que o governo não põe a mão e sobra recurso para as empresas reinvestirem?

Se as respostas forem positivas e bem identificadas para estas perguntas, você começa a ter uma boa trilha para pensar em acionar investimentos.



Aplicações financeiras dependem essencialmente da credibilidade que se possa ter nos agentes que fazem os investimentos e as aplicações.

Pergunte-se sempre:

**Com quem estou me relacionando?
Esta relação é satisfatória?
Ela atende minhas exigências de retorno, de risco, de atendimento, de acompanhamento de minha carteira?**

Sim ou não? E quanto? O que falta para melhorar?

Não se iluda. Elas podem ser tradicionais, dispor de grandes salões luxuosos, exigir garantias para impressionar e valorizar suas atitudes.

Tradição sem modernização e renovação significa envelhecimento e defasagem.

Os salões e a infra-estrutura luxuosa, quem paga, é você.

Garantias, não é o depositante que deve dar. Sobretudo se ele não tem dívidas nem quer tomar empréstimos.

Garantias, quem deve dar, é quem recebe o seu recurso.

Mas, assim como podem ser sérias e boas, rendendo, podem ser desonestas e fraudulentas, montadas para tomarem os seus recursos.

E o ato de tomar os recursos dos outros pode ser realizado de inúmeras formas e com os métodos mais criativos.

Existe o marketing e a propaganda que impressionam.

Há a exposição de riqueza que deslumbra.

Ocorrem os movimentos silenciosos e discretos, não anunciados, pautados em relações de confiança, que mal dá para perceber, e que gera perdas junto a quem menos se espera.

Mais do que olhar para estampas e fotos de propaganda, analise os balanços das empresas, saiba o que dizem os especialistas, conheça o parecer dos auditores, compareça às reuniões da assembléia de acionistas e afins.

Mobilize-se para defender seu capital e cobrar retorno dele através de instituições.



É muito comum ouvir que as autoridades adotaram as medidas certas ou as medidas erradas.

Certas ou erradas para quem?

Qual é o seu referencial?

Uma desvalorização do câmbio pode ser uma alegria para os exportadores, enquanto que é uma tragédia para os importadores e empobrece todos os brasileiros mortais.

Um aumento da taxa de juros torna o crediário proibitivo, e inibe os empréstimos e o consumo. O consumidor sai prejudicado. Por outro lado, aumenta o rendimento dos fundos de renda fixa e eleva os lucros dos banqueiros.

Então, fique atento. O que pode beneficiar um grupo de investidores, pode prejudicar outro grupo. Cada um tem uma composição diferente na sua carteira de investimentos. Logo terá rendimentos e resultados diferentes.

Por este princípio, a diversificação da carteira é importante, especialmente quando o valor dos seus investimentos cresce e pode ser aumentado.

Os gestores de fundos e de investimentos têm justificativas para tudo.

Se os fundos crescem e dão um rendimento, eles se fazem de gênios e são festejados na mídia. Podem ter feito apenas um acompanhamento sortudo pelos ciclos crescentes da economia. Seu esforço pode ter sido baixo. Interessa é que estejam gerando retornos muito acima da média crescente dos melhores do mercado. Sempre.

Se os fundos caem de rendimento e dão prejuízo, os problemas foram os choques inesperados de mercado, a volatilidade do mercado, a surpresa das atitudes e medidas das autoridades, a incapacidade dos empresários e enfim uma quantidade infindável de outras justificativas.

Agora, quando você tem prejuízo, eles não o cobrem, não dão garantias e são substituídos rapidamente por outros operadores.



Quando seu investimento deu lucro, tenha certeza que um grande naco dele ficou na instituição que fez a aplicação. E ela pode ter até cláusulas em que, para um aumento nos retornos, a sua remuneração cai, enquanto que a deles sobe.

Fique de olho. Para quem é que o seu dinheiro está trabalhando? Para você, ou para os gestores de fundos?

De que forma selecionar objetivos?

Não há uma fórmula mágica. Há métodos que podem levar a acertos maiores ou menores.

Em geral, é útil separar os objetivos por prazos de realização e alcance.

Prazo imediato é o que você quer obter já, imediatamente, em poucos dias. Curto prazo pode ser o que se alcança em até um ano. Há uma certa disponibilidade de recursos, e dá para vislumbrar para onde irão suas aplicações.

Médio prazo pode ser um prazo mais cumprido, em que demorará mais alcançar o que se pretende e há fatores que não são dominados nem conhecidos pela sua pessoa ou empresa. O prazo é arbitrado, pode ser de um a três anos.

Longo prazo é a perder de vista. Pode ser acima de três anos. Demorará um bom tempo chegar até lá e suas perspectivas ainda serão revisadas muitas vezes.

As perspectivas de realização dependem de vários fatores. Cada um terá então uma perspectiva diferente, segundo o seu contexto e a sua realidade. Entre estes fatores, os mais importantes são a renda permanente e a renda variável disponível; a idade; a estrutura de dívidas e compromissos; e afins.



De que forma escolher entidades que fazem seus investimentos financeiros?

Não há uma fórmula mágica para fazer e acertar na escolha.

Existem atributos que se deseja ver em entidades de investimento e em analistas. Quanto mais claramente eles sejam verificados, mais valerá a pena escolher essas entidades e avaliá-las com regularidade mensal e trimestral.

Entre estes atributos, se destacam:

- O retorno real das carteiras administradas;
- O retorno real médio do investimento dado por um agente, em diga-se algo como 5 anos, face ao retorno real médio dado pelos mais rentáveis gestores do mercado;
- A capacidade da carteira de investimentos ou fundos oscilar pouco, com tendência de valorização contínua real;
- A composição da carteira de investimentos, com mostra detalhada de cada papel em que se aplica, percentuais e valorizações;
- A capacidade de manter relações por carta e Internet frequentes, com explicações rápidas sobre o que ocorre com a carteira;
- A capacidade de mostrar a situação da instituição, seus balanços, demonstrativos e resultados;
- A disponibilidade de recursos da entidade em tesouraria, e a sua liquidez para saldar dívidas de quaisquer espécies;
- O rigor, no cumprimento dos contratos, sem voltar atrás;
- A sua inserção nacional e internacional, medida pelo tamanho da rede de agências, de relações com outros bancos e entidades, de unidades de atendimento e patrimônio;

IBCI – Institutional Business Consultoria Internacional
Rua da Alfândega, 25, sala 805/806, Centro, Rio de Janeiro, RJ.
Telefax: (21)2263-7017 / 2233-8552 / 2263-0563
e-mail: ibci@ibci.com.br
Home Page: www.ibci.com.br



- Outros fatores.

Quais são as opções de investimentos das quais disponho?

Em geral, o investimento é um termo usado para definir a formação bruta de capital fixo nas empresas e somar a variação líquida nos estoques, de um ano para outro.

Já colocar dinheiro num fundo de investimento, não necessariamente é investir, na concepção econômica. É fazer uma aplicação financeira, especialmente se os títulos negociados não são de primeira emissão e estão girando no mercado.

Entenderemos, para fins desta publicação, que investimentos dizem respeito a colocação de recursos em ativos reais, em bens concretos e fisicamente mensuráveis. Já as aplicações são relacionadas a movimentos de colocação de recursos financeiros em títulos de renda fixa, em ações e em fundos ditos de investimento.

É essencial saber dosar as aplicações, colocando em bens reais e em bens financeiros ops recursos.

Com bens reais, como casas, apartamentos, escritórios, prédios, galpões e similares, pode-se extrair uma renda de aluguel.

Com bens financeiros obtêm-se juros e retornos de valorização.

Quando sei que estou fazendo o investimento certo?

Antes de mais nada, sinta-se psicologicamente confortável.

Não se submeta a estresses, a angústias, a insônias e desgastes desnecessários.

Opte pelo que lhe dá mais tranquilidade, mais domínio, e melhor discernimento.

O investimento sem pressão de tempo, é o melhor, pois não estamos a toda hora olhando como e quanto subiu ou caiu um papel. Isso é coisa de operador de bolsa!

O investimento certo gerará condições de transformar os seus sonhos numa realidade concreta, num prazo previsível.



Toda vez que seus ganhos e retornos forem iguais aos previstos, dando oportunidade concreta para realizar seus sonhos, sua estratégia e seu agente de investimento foram acertados.

Quando ocorrerem diferenças que adiam os seus sonhos e lhe dão retornos medíocres ou prejuízos, reveja as suas atitudes em relação ao agente investidor e as suas estratégias.

Pelo menos uma vez por semestre reveja as suas estratégias.

Se a sua carteira for robusta, reveja com mais frequência.

Nem sempre é bom mudar de atitude ou de agente, ao menor sinal de prejuízo. Analise bem a situação. Em que medida ela ocorreu por conta de fatores alheios à vontade do agente? Quantos agentes agiram da mesma forma? Qual foi o comportamento em geral, dos retornos dos investidores? Quem adotou estratégias vencedoras? E quem adotou estratégias perdedoras?

Quem adotou o maior número de vezes estratégias vencedoras, geradoras de valor? E nosso agente, quantas estratégias adotou, que nos deram os retornos esperados, ou que foram acima deles?

O coeficiente de poupança individual.

Quanto é que uma pessoa ou uma empresa deve poupar de seus ganhos mensalmente?

A resposta depende muito de cada indivíduo e da situação de cada empresa. Vejamos em separado.

A vontade de poupar depende muito da natureza, da vontade e da propensão a aceitar sacrifícios, de cada pessoa. Ademais, ela depende de fatores culturais, como a educação desde criança. Se seus pais motivavam hábitos de poupança em você, talvez suas atitudes sejam mais afeitas a dar valor ao porquinho e à caixa de resguardos. Há também fatores de cultura nacional, como no Japão, onde se pede para poupar e consumir menos em nome da pátria, e como há muitos patriotas, eles obedecem.

Há indivíduos que antes de tudo, adotam uma disciplina de poupança. Eles se preparam para botar na cabeça que devem poupar um certo percentual de sua renda líquida, disponível, mensalmente. Por exemplo, determine-se em poupar 20% da renda líquida de R\$ 5.000,00, o que corresponde a R\$ 1.000,00 mensais e veja se consegue até o fim do ano poupar para valer R\$ 12.000,00.



Se seu objetivo foi alcançado, e não for muito sacrificado, tente poupar mais. Aumente o coeficiente para 25%, depois para 30% e assim por diante.

Há pessoas que conseguem poupar até 95%, ou 99% de sua renda líquida. São fascinadas em poupança e investimentos, ou são muito ricas e os 5% ou 1% de consumo podem até representar bastante valor.

Veja em que caso se insere a sua pessoa. Você tende a ser poupador?

No outro extremo do mundo dos poupadores, se encontram os perdulários, os filhos pródigos, e os gastadores febris. Eles simplesmente não pouparam, não querem poupar e podem amar torrar todo e qualquer recurso que passa pelas suas mãos.

É importante verificar se outros eventuais sócios ou membros de um clube de investimentos ou de um empreendimento compartilham do seu mundo, e pouparam igual a você. Atitudes diferenciadas podem criar problemas na gestão e no rendimento das aplicações. E elas precisam ser previstas, para evitar aborrecimentos futuros.

No caso das empresas, a poupança envolve a capacidade de gerar caixa. A empresa tem resultados líquidos de fluxo de caixa positivos? Caso positivo, isto significa incorporação de lucros no tempo, que podem envolver novos investimentos e aplicações.

O coeficiente de poupança empresarial.

No caso das empresas, além dos fatores revelados na seção anterior, contam outros elementos. Merece atenção responder-se a uma questão: o que querem os donos da empresa, os acionistas, dela? Dividendos, pró-labore, acréscimo de valor às ações existentes?

Estabelecido o quanto e o que é gerar valor para a empresa, o ato de poupar se faz para investir mais, ser cada vez mais competitivo e moderno e aumentar a dimensão e o poder de mercado da empresa.

Poupa-se para investir em projetos, que deverão aumentar mais ainda o valor da empresa, das ações, dos dividendos e das bonificações aos acionistas e colaboradores.

Mas a poupança depende da capacidade da empresa colocar algumas reservas de lado, para fundos, CDBs e afins, por tempo estabelecido. Se ela for nova, recém criada, e ainda existirem investimentos a fazer, seu coeficiente de poupança poderá ser zero ou baixo. Não faz sentido ela poupar, se quer aparecer e crescer. Basta ter liquidez, para assegurar que as dívidas serão pagas em dia.



Mas se a empresa for mais antiga, estiver num mercado amadurecido e operar sem maiores pressões por novos investimentos, ela poderá investir. Sendo uma “*cash-cow*”, recursos poderão ser guardados, bem aplicados, para novos saltos evolucionários.

O que é risco? Fala-se tanto de risco, mas como é que ele é medido?

O risco é o evento que se corre, de seus sonhos e previsões não se realizarem.

Quanto maior for a diferença entre o que você previu, e o que aconteceu na realidade, após um certo tempo, tanto maior foi o risco.

O problema é que vivemos num mundo cheio de riscos, com grandes incertezas.

Incerteza é o que desconhecemos, aquilo que não sabemos de certo. Não temos garantias de que algo ocorra, então, enfrentamos incertezas.

Em geral, pessoas e empresas cautelosas, comedidas, precavidas, temerosas de perderem recursos, querem minimizar seus riscos e trabalhar em ambientes e projetos de maior certeza.

Já os indivíduos que temem menos as perdas e gostam de ter a possibilidade de viver com grandes ganhos, sem que haja certeza nenhuma para que isto ocorra, são verdadeiras amantes do risco.

Assim, há um universo amplo de espectros de risco, retorno e certeza, no qual os investidores viverão.

Cabe a cada investidor individual mapear seu próprio mapa de preferências, para então partir para aplicações, investimentos, mudanças atitudinais e estratégicas e de composição de carteiras.

Com o passar do tempo, o perfil de risco, retorno e certeza de cada investidor muda.

**Você já fez o seu mapa de avaliação pessoal e empresarial de riscos?
Veja a seção **Orientações Financeiras da I.B.C.I.** e faça já o seu teste.
Descubra o seu perfil atual de risco.**

Como se faz a medição de riscos?

IBCI – Institutional Business Consultoria Internacional
Rua da Alfândega, 25, sala 805/806, Centro, Rio de Janeiro, RJ.
Telefax: (21)2263-7017 / 2233-8552 / 2263-0563
e-mail: ibci@ibci.com.br
Home Page: www.ibci.com.br



Há instrumentos sofisticados para medir riscos. Eles são econômicos, estatísticos, e afins.

Em geral, o que se mede é a oscilação, a variação, a volatilidade no comportamento e na evolução, de uma variável que se quer estudar. Digamos, variabilidade dos lucros, das vendas, das despesas, e assim por diante.

Quanto maior for a volatilidade de uma variável, maior será seu desvio padrão, e essa é uma medida de risco.

No sistema financeiro e bancário, usa-se risco para tratar de exposição. Então, se um banqueiro emprestou R\$ 500 milhões a uma empresa, diz-se que o risco empatado foi de R\$ 500 milhões.

Hoje em dia, há instrumentos de medição fenomenais para medir riscos empresariais e de grandes fortunas. Entre eles, o **VAR – Value at Risk**®, calcula a probabilidade de se perder numa determinada aplicação, em face de diversos cenários macroeconômicos.

A meta do **VAR** é, por exemplo, a de prever com 95% de precisão a perda eventual de uma carteira de investimentos, em condições de mercado desfavoráveis, pouco amistosas.

Outro instrumento importante é o **Quadro de Oscilações de Carteiras de Investimentos – QUOCAI**®, realizado pela **I.B.C.I.** para investidores da pessoa física (acima de R\$ 10 milhões) e da pessoa jurídica (acima de R\$ 50 milhões de faturamento anual).

O **QUOCAI** mede os desvios padrões das componentes dos fluxos de caixa das empresas, no total e por linha de produto ou serviço, verificando para o estágio no ciclo de vida da empresa, qual seria o risco mais apropriado e aceitável, em face de um grupo de concorrentes altamente competitivos.

Informe-se sobre o QUOCAI e o VAR e suas possibilidades de aplicação para os seus negócios acessando nossos cursos de Finanças Corporativas.

Como entrar no mercado?

Com precaução, bem informado, após conversar com vários especialistas de investimentos e conhecendo os riscos incorridos ao penetrar num espaço específico.

IBCI – Institutional Business Consultoria Internacional
Rua da Alfândega, 25, sala 805/806, Centro, Rio de Janeiro, RJ.
Telefax: (21)2263-7017 / 2233-8552 / 2263-0563
e-mail: ibci@ibci.com.br
Home Page: www.ibci.com.br



Conscientize-se de onde está entrando e do que está por fazer.

Entrar é fácil. Sair pode ser difícil e até dramático.

Existe um timing certo para entrar, e outro para sair. E há também um tempo para permanecer. E é preciso estar fundamentado em dados, informações e contratos.

Não se iluda com o canto das sereias. Sempre haverá alguém falando de um “pule de dez”, de “ganhos extraordinários”, de “rios de dinheiro”, e de “fortunas fáceis e imediatas”.

Agora, a sua entrada precipitada ou mal pensada pode ser a redenção e a alegria de algum gatuno.

Um dos maiores perigos atitudinais de investidores é a ação em rebanho. Isso ocorre quando todos, em massa, se comportam do mesmo jeito, na mesma direção, e freqüentemente, sem terem adotado maiores preparos.

Nas bolsas, é comum que após subirem as ações de preço bastante, os grandes investidores saírem sem alarde, deixando uma leva de pequenos investidores com sonhos a entrarem e incorrerem em perdas pesadas e irrecuperáveis.

Quais são as vantagens de diversificar os investimentos e as aplicações financeiras?

Esta é uma atitude comportamental sadia, inteligente e precavida.

Corresponde a não colocar todos os ovos na mesma cesta. Se você cair, todos os ovos se espatifam e a sua perda é total. Então, é melhor ter várias cestas, com conteúdos diferentes, pois se ocorrer uma perda numa delas, outras gerarão ganhos e então perdas e ganhos se compensam. E quem souber aplicar bem, verá que a soma dos ganhos das cestas geradoras de valor será maior que a soma das perdas das cestas geradoras de perdas.

A diferença entre elas é o lucro final, ou resultado, de sua carteira de investimentos, formada pelas cestas.

Então, conforme a possibilidade de cada um, é bom investir em casas, salas, escritórios, vagas de garagem, terrenos, mercadorias, carros, tratores, aviões, metais preciosos, pedras preciosas, títulos de renda fixa e variável e afins, para diversificar os riscos.



O ato de diversificar, ou tornar variado, permite que o investidor conheça múltiplas áreas de investimento e negócios da economia melhor. Assim, adquirindo experiência, ele pode determinar com maior grau de sucesso os movimentos de sua carteira de investimentos, antecipando de certa forma uma parte das flutuações e dos comportamentos empresariais.

Quais são as bases para diversificar bem as aplicações financeiras?

A boa diversificação atende a alguns critérios de bom senso, pensados e intuitivos, empíricos e científicos, que o investidor pode adotar. É importante que ele tenha boa formação técnica, excelente informação e se faça acompanhar de gente confiável cujas referências sejam ilibadas.

Para investir e aplicar bem, com chances altas de sucesso, é preciso:

- Conhecer a si próprio, e seus limites;
- Conhecer e mapear seu perfil de investidor;
- Agir de acordo com a sua propensão em aceitar riscos;
- Conhecer o mercado e suas oportunidades;
- Fazer-se acompanhar por gente técnica confiável;
- Dispor de dados e informações que mereçam crédito;
- Definir uma estratégia de investimentos, bem planejada;
- Analisar os líderes de investimentos, seu desempenho e resultados;
- Ter coragem para investir e desinvestir;
- Ter bons contatos e relacionamentos.

Qual é o seu perfil de risco? Qual é a sua propensão em aceitar riscos?

Resumindo, há fundamentalmente três perfis de investidores:

- **Amantes de risco** – que aceitam grandes doses de risco em seus investimentos, com alta incerteza, com tanto que as perspectivas de lucros e



retornos sejam excelentes. São os apostadores, os verdadeiros empresários, ou simplesmente os especuladores.

- **Neutros ao risco** – que dosam e equilibram bem a relação entre riscos assumidos e retornos, agindo com uma certa neutralidade.
- **Avessos ao risco** – que querem minimizar qualquer chance de perda, tendo ojeriza a riscos e querendo investir no que é mais certo e seguro, mesmo que isto venha a render pouco. São os conservadores.

Que investimentos são feitos para amantes de riscos?

Há uma multidão de alternativas. Por exemplo, a aplicação de recursos e tempo em:

- Ações;
- Índices;
- Opções;
- Novos Negócios;
- Investimentos em novos produtos, que exigem alto empate de capital e descobertas, como a cura do câncer, da AIDS, da SARS, e afins;
- Descoberta de ouro de aluvião, garimpagem em geral;
- Culturas agrícolas e animais cuja tecnologia deixa ainda a desejar; e outros.

Que investimentos são feitos para satisfazer indivíduos e empresários gestores, que são avessos ao risco?

Existem inúmeras opções, em países estáveis econômica e politicamente.

Em países cujo risco-país é considerado elevado para os padrões mundiais, como é o caso do Brasil, é difícil afirmar que existam ativos sem risco.

O melhor exemplo do alto risco que se corre no Brasil é dado pelas aplicações na caderneta de poupança. Nas últimas quatro décadas, a poupança sofreu os seguintes dissabores principais: correção monetária inferior à taxa de inflação verdadeira; quebra e dissolução de inúmeros agentes captadores de poupança; seqüestro de ativos financeiros, como o Plano Collor I, no qual a poupança foi congelada por 18 meses.



Os títulos de capitalização são outra escolha a ser bem estudada. Em geral, oferecem taxas de juros reais baixas, em troca de uns poucos prêmios. Os aplicadores, esperançosos de ganharem uma bolada, investem em papéis cujo custo de saída é alto, podem não ganhar, pois as chances são mínimas.

Dado o endividamento público, os títulos e fundos lastreados em emissões do governo rendem taxas bastante atraentes. As autoridades pagam caro, para que recursos sejam depositados para a manutenção do estoque de dívida. Há uma compulsoriedade em aplicar em títulos públicos, porque se a aplicação fosse livre, menos investidores gostariam de aplicar neles. Então, estes também são papéis arriscados, já que se pautam na geração de uma poupança forçada.

Então, **é preciso estar muito atento, porque não necessariamente uma opção de aplicação alardeada e propagandeada como sendo de “segurança máxima” o é de fato.**

Há um abismo de diferença entre o que se propagandeia e o que se verifica na realidade.

E as diferenças tendem a aumentar, num mundo de mudanças rápidas, às vezes chocantes e promovidas por uma tecnologia precisa e impessoal.

Como fazer para diversificar as aplicações?

Em princípio, quanto menos recursos se dispõem, por prazo curto, mais se concentra em ativos de baixo risco.

Por outro lado, quanto mais recursos se dispõem e geram, com facilidade de esperar o longo prazo e o amadurecimento das aplicações, mais se pode aplicar em ativos de risco mais elevado.

O perfil etário afeta os investimentos e aplicações?

Sim, em princípio, mas não há uma regra geral.

Na fase inicial de geração de reservas para aplicações, a segurança dos investimentos é importante. Visa-se o carro, a casa própria e afins.

Na fase intermediária, com maior geração de recursos, a diversificação com risco aumenta.



Na fase mais adiantada de vida, com perda de reservas e dependendo de aposentadorias e pensões, é normal voltar a aplicações de baixo risco.

Qual é o montante a guardar para a fase de aposentadoria?

Em princípio, o aposentado quer viver tão bem ou melhor do que no momento em que estava no auge ou se aposentou. Seu interesse é manter os picos prévios máximos de consumo e bem-estar anteriores à aposentadoria.

As reservas dependem, portanto do nível de vida futuro que se quer estabelecer. É de bom senso fazer um levantamento do seu custo de vida atual, e da família que depende de suas contas, assim como projetar as mudanças que afetarão seu orçamento futuro. Os filhos obterão a autonomia e sairão de casa; entretenimentos esquecidos há tempos poderão retornar, e quanto mais caros forem, mais requisitarão recursos.

A projeção das despesas de aposentadoria pode fornecer uma pista importante para o cálculo das poupanças que serão necessárias para levar uma vida confortável. O ideal é que os valores mensais dos retornos recebidos nas aplicações preservem o principal investido, sem dilapidá-lo.

Quais são as fontes de renda da aposentadoria?

Há várias fontes e elas dependem do que tenha sido o seu trabalho, a sua relação profissional com empresas e governos, as suas propriedades por direito e herança e em que tenham resultado as suas aplicações.

A aposentadoria varia segundo a pessoa e sua formação de riqueza.

Em geral, concorrem a favor da aposentadoria: o valor da renda de aposentado do trabalhador; as cotas em fundos previdenciários; os bônus de aposentadoria; os recursos dos planos de antecipação de aposentadoria (sopão); as rendas de aluguel (em imóveis); as rendas variáveis (em ações e títulos) e as aplicações em renda fixa.

Uma boa aposentadoria deveria manter o padrão de vida de seu titular e de seus dependentes.



Faz sentido envolver os filhos na discussão sobre gastos e aplicações?

O hábito de poupar e disciplinar suas próprias despesas vem desde cedo. E os filhos podem ter e ver nos pais um bom referencial, ou não.

Se os pais são disciplinados, econômicos, sérios, planejadores e cuidadosos em seus gastos e hábitos de consumo, os filhos poderão talvez em parte inspirar-se nestes atributos, praticando-os também.

Se as referências forem outras, os filhos poderão entender estes outros hábitos como “normais”.

Por estas razões, é importante meditar e agir sobre o tipo de modelo e formação de despesas e aplicações que se quer repassar aos filhos.

No Brasil, o método de aplicar em bens e recursos financeiros é mais complicado. Se a criança aplica e é motivada a se sacrificar, porque poupando lhe é prometido mais no futuro, e subitamente as poupanças são congeladas ou seqüestradas, gera-se uma reação contrária à desejada.

Por estas razões, o debate e o envolvimento paciente, bem pensado, elaborado para servir de orientação firme e bem justificada, merece atenção. Vale a pena envolver os filhos em todos os assuntos que são de família. Inclusive os financeiros.

Quanto ao grau de envolvimento, ele pode ser variável. Crescerá tanto mais, quanto mais crescidos forem os filhos, melhor eles interagirem em relação aos assuntos tratados e mais crescer a confiança mútua.

A um apagão corresponde um aumento dos gastos de energia. Seus filhos podem ser excelentes fiscais domésticos, apagando as luzes onde desnecessárias e alertando aos gastos excedentes, gerando economias domésticas.

Deve-se falar de herança com os filhos? A partir de quando?



Há pessoas arredias a assuntos de herança, partilha, divisão de bens e afins, porque acham que estão tratando da morte de um ente querido, ou discutirão de forma interesseira uma temática que um dia será inevitável.

O assunto herança é tihoso e difícil de ser exposto. A repartição dos bens para os herdeiros, se houver, será obra da decisão de um doador que ainda estará por falecer e é querido; de um casal; ou de algum outro parente.

Tratar do assunto com naturalidade é antes de tudo uma medida de bom senso. Afinal de contas, mais cedo ou mais tarde, todos expiraremos um dia.

Então, porque não preparar direito a nossa saída de cena, deixando documentado e claro o que queremos que se faça com os nossos bens. O que, a quem dar, em que circunstâncias?

De modo geral, é de bom senso agir com justiça, oferecendo condições de igualdade aos herdeiros. E antes que chegue a hora mais triste, é importante tratar do assunto com clareza, para evitar desgastes, rixas de família, decepções e reações inesperadas, com demoradas brigas na Justiça.

O melhor acordo é o acordo interno, de família.

Se uma herança for levada a um tribunal de justiça, os maiores beneficiários poderão ser os advogados, e não necessariamente os herdeiros.

Problemas maiores surgem quando a herança não é declarada, não foi registrada através de um testamento e não se conhecem os desejos *post-mortem* do titular das riquezas. Se, ademais, aparecerem filhos ilegítimos, com direitos sobre as aposentadorias e afins, a partilha envolverá a várias famílias e novas surpresas.

Eis porque o gerador de um testamento há de formulá-lo bem, e com a devida antecedência, para evitar atritos indesejáveis e deixar os seus familiares em estado de segurança e paz coletiva.

Aplicando no Mercado Financeiro.

O Mercado Financeiro oferece oportunidades fantásticas de aplicação. Mas ele também sujeita o investidor a grandes armadilhas e possíveis perdas.



É preciso, antes de tudo, estar bem formado e muito bem informado, a respeito das opções de aplicação que existem, de quem pode administrá-las, e da real possibilidade de receber os rendimentos prometidos.

Defenda seu capital. Proteja o seu dinheiro e suas aplicações.

Antes de aplicar, faça uma verdadeira auditoria de qualidade e de resultados alcançados, por quem se candidata a administrar o seu capital.

Só após esta auditoria, tendo selecionado entre vários pretendentes a administradores de seus bens e fortunas, escolha os gestores, assessorado por quem realmente entende do assunto e tem reputação ilibada.

Onde se orientar e com quem falar, no Mercado Financeiro?

Se você tiver dinheiro e quiser fazer uma aplicação financeira, logo surgirá um monte de amigos, de sabe-tudo, e de especialistas em Finanças.

Seja discreto, cuidadoso.

Verifique se há profissionais confiáveis em seu mundo de relações.

Escolha aqueles que tem dado provas de seriedade, sensatez e conhecimento, atuando de verdade, como dirigentes e operadores, no Mercado Financeiro.

Em geral, este perfil profissional se encontra nos bancos, nas financeiras, nas corretoras, e nas empresas especializadas em consultoria de negócios e Finanças.

Visite bancos e consultorias nacionais e estrangeiras.

Numa fase inicial, levante informações e não assuma compromissos apressados.

Sinta as opções apresentadas, a atenção que é prestada aos seus interesses e os resultados já conseguidos. Verifique com que presteza será recuperável a integridade do seu capital, em caso de qualquer necessidade.

Levante a experiência de quem vai administrar o seu recurso. Verifique o que vai acontecer se esta pessoa sair de lugar. Cuidado: nos bancos, o gerente de contas é um receptor sofisticado de clientes. Pactua prazos e taxas de juros. Mas, quem administra o seu capital está numa sala de operações financeiras, longe dos olhos do público. Qual é a responsabilidade direta desta gente para com os seus investimentos?



Leia a legislação que defende o consumidor. Conheça o PROCON. Mostre-se atualizado quanto à sua capacidade de defesa.

Qual será o seu tipo de investimento ou aplicação?

Há duas categorias genéricas de investidor: o individual e o institucional.

O investidor individual aplica recursos de uma única pessoa física ou jurídica.

O investidor institucional soma inúmeros investidores, para formar fundos mútuos, fundos de pensão, bases de receitas de seguradoras e afins. A aplicação é feita em grupo.

O investidor individual defende e tem seus objetivos particulares.

O investidor institucional se sujeita a uma administração de recursos mais genérica, estabelecida dentro de parâmetros mais rígidos, que um investidor não consegue mudar.

O que quer ganhar o investidor do Mercado Financeiro e de Capitais?

O aplicador em recursos financeiros quer ganhar mais dinheiro, com retorno alto sobre o seu capital, o que é dado pelos juros.

Assim, quanto maior for o volume de dinheiro que você receber sobre o seu principal empatado numa data inicial, tanto maior foi o seu rendimento e a taxa de juros.

Mas, atenção!

Com alta inflação, você pode estar recebendo mais, porque os juros nominais crescem.

O que interessa, é que com inflação mínima, você ganhe o máximo de juros reais.

Ademais, tendo investido em ações (primeira emissão), o que interessa é que o valor delas cresça no tempo. Se forem distribuídos dividendos sobre as ações, continua sendo



de seu interesse que o preço das ações suba e que a empresa tenha alta capacidade de fazer mais lucros, com importantes e novos investimentos.

Como posso acompanhar as promessas de juros que me fazem?

Quais são as componentes da taxa de juros?

$$i = (1 + P) (1 + r) - 1$$

Para um período, a taxa de juros (i) é a capitalização da taxa de inflação (P) pela taxa de juros real (r).

Quais são as componentes da taxa de variação cambial?

$$VC = (1 + P^*) (1 + q) - 1$$

Para um período, a taxa de desvalorização cambial é igual à taxa de inflação excedente local sobre a estrangeira, capitalizada pela taxa de cambio real q.

É preciso ficar atento ao comportamento de cada uma destas variáveis, para saber se você ganhou, perdeu, ou ficou igual, em relação a elas e ao seu investimento.

Normalmente, os gerentes de bancos e os consultores mostram tabelas de retorno baseados nestas variáveis.

Veja o que eles prometem, compare com o que tem maiores chances de acontecer e após certo tempo de aplicações, veja se de fato o que lhe prometeram aconteceu mesmo.

É aí que surge a sua verdadeira análise de risco e se pode estabelecer se seus orientadores financeiros são sérios ou falaciosos.

Quais são os tipos de juros que existem? Como eles se traduzem em rendimentos?

Há dois tipos de juros: fixos e variáveis.



Os juros fixos são definidos previamente, logo são pré-fixados, pré-determinados. Saiba-se o quanto se vai receber ao fim de um certo período.

Os juros variáveis são definidos após transcorrer o prazo da aplicação, são pós-fixados. O seu recebimento final é incerto.

Se a inflação tende a cair, pode ser atraente aplicar em rendas pré-fixadas. Se a inflação tende a subir, os riscos crescem e pode ser melhor aplicar no pós-fixado.

A referência básica de uma aplicação financeira em renda fixa é dada pelo CDI – o Certificado de Depósito Interbancário.

Um título de renda fixa já diz hoje, quanto na certa você receberá.

Uma aplicação de renda variável, não assegura que se ganhe o que se promete e vislumbra.

Há um sério risco não ocorrer o que se aposta que vai ocorrer.

Então, o seu fluxo de caixa é incerto e aí acontecem surpresas para mais, ou para menos.

Os juros são apenas uma das partes das receitas dos bancos obtidas com você.

**Uma parte maior ainda, substancial e mais sutil, é composta pelas
Tarifas de Serviços Bancários - TSB.**

Você já parou, para ver o impactos sobre as suas contas normais e seus investimentos financeiros, das tarifas de serviços bancários?

Olhe com atenção e completa firmeza.

Aqui pode residir o sucesso ou o fracasso do retorno sobre os seus ativos.



Pergunte-se se faz sentido pagar TSBs, e se é possível dar um corte de despesas a seu favor. Racionalize, selecione os provedores de serviços e lute por custos menores.
Barganhe!

Tarifas da Pessoa Física

As tarifas são cobradas por serviços prestados. Os valores aumentam na medida em que se pedem mais serviços. Por isto, é preciso avaliar em que se gasta e se isso faz sentido.

Normalmente, há 12 categorias de tarifação bancária. Cada banco cobra para o mesmo serviço uma taxa diferente e as diferenças são enormes. Veja qual se aplica a cada caso e compare as tarifas bancárias e o conteúdo do serviço, para ver se atende realmente os seus interesses. São elas:

- Auto-atendimento / *Homebanking*
- Cobrança
- Cheques e ordens de pagamento
- Conta corrente
- Contratação de operações
- Empregadores, empregados e Folha Salarial
- Cartões de crédito, Fidelidade, da Instituição e afins
- Financiamento de imóveis e Poupança
- Tarifas de Operações cambiais
- Tarifas especiais e custos mínimos
- Serviços Extras
- Outros serviços.

Tarifas da Pessoa Jurídica

Fique de olho em todos os seus contratos. E não subestime os perigos contidos nas linhas e notas de rodapé dos contratos de cobrança de TSBs. É onde mora o perigo. Veja especialmente se tem:

- Além de tarifa, cobrança de percentuais sobre o valor de cada transação, ou o ganho gerado pela transação. Veja se em caso de perda se aplica a mesma percentagem, só que a seu favor!
- Existem isenções? Quais? Quando se aplicam?
- No caso de haver descontos e isenções, elas são automaticamente cedidas, ou você precisa clamar por elas?

IBCI – Institutional Business Consultoria Internacional
Rua da Alfândega, 25, sala 805/806, Centro, Rio de Janeiro, RJ.
Telefax: (21)2263-7017 / 2233-8552 / 2263-0563
e-mail: ibci@ibci.com.br
Home Page: www.ibci.com.br



- Erros de sistema são assumidos pela instituição? Ou isto também será empurrado em sua conta?
- No caso de não movimentar contas, lhe cabe algum pagamento?
- No caso de erro bancário, existe previsão de reembolso de custos, inclusive do seu tempo?
- Há cobrança de custos gráficos? Porque e quando?
- Havendo promoções e descontos anunciados, eles são aplicados de fato a seu favor?
- Há cláusulas vagas, imprecisas e em aberto? Ocorrem no contrato termos como “será cobrado um percentual”; ou “valores a negociar”; ou “taxas de juros a definir?”.

Os seus investimentos e aplicações financeiras devem ser orientados pelos seus objetivos.

Antes de investir, defina claramente os seus objetivos. Verifique bem se eles são realistas e realizáveis. Mapeie as suas condições financeiras, para saber do que é capaz, de sorte a não criar sacrifícios e ilusões grandes demais ou de menos.

Tenha e mantenha o foco.

Fixe seus objetivos e lute por eles.

E a partir daí, trace o perfil dos seus investimentos ideais e realizáveis.

Invista. Invista mais. Com calma e frieza.

Não se deixe abalar por todas as notícias diárias, dos jornais.

E, sobretudo, cuidado! Uma vez feita uma aplicação, espere-a amadurecer. Ela precisa de tempo para maturar bem. É igual a um bom vinho.

Não é recomendável pular de galho em galho, de aplicação em aplicação. Esse é o melhor jeito de perder o seu capital.



A responsabilidade pelas aplicações e captações financeiras é sempre, seja em primeira, seja em última instância, do proprietário do capital.

O sucesso do empreendimento de investir mediante recursos financeiros pode ser aprimorado com o suporte bem selecionado de agentes financeiros, consultores, especialistas bancários e profissionais afins.

Seja qual for o seu intuito, previna-se. Comunique-se com experts, profissionais confiáveis e experimentados. E seja discreto.

Vale a pena não se acomodar. Embora por um tempo possam ocorrer certos resultados até positivos, com sua equipe inicial, o centro do sucesso das aplicações financeiras está na capacidade de obter, interpretar e decidir sobre a informação.

Estas atitudes contribuirão para otimizar o seu planejamento financeiro, o que levará a escolhas bem melhores e de resultados mais positivos.

É permitida a reprodução parcial ou integral deste material, desde que citada a fonte:
I.B.C.I. – Institutional Business Consultoria Internacional Ltda. – all rights reserved ® – Área de Orientação de Investimentos, 2003.

Entre em contato conosco! Telefones: 55 – 21 – 22338552 ou 22637017

e-mail: ibci@ibci.com.br e ibci@ism.com.br

IBCI – Institutional Business Consultoria Internacional
Rua da Alfândega, 25, sala 805/806, Centro, Rio de Janeiro, RJ.
Telefax: (21)2263-7017 / 2233-8552 / 2263-0563
e-mail: ibci@ibci.com.br
Home Page: www.ibci.com.br